



# A solidão como virtude moral em Nietzsche

OLIVEIRA, Jelson. **A solidão como virtude moral em Nietzsche**. Curitiba: Champagnat, 2010. (Pensamento contemporâneo, 5).

**Tiago Eurico de Lacerda**

Mestrando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR - Brasil, e-mail: tiagoelacerda@gmail.com

---

A recente obra de Jelson Oliveira, *A solidão como virtude moral em Nietzsche*, nos apresenta uma ousada perspectiva de leitura do filósofo alemão. O próprio Nietzsche adverte que “quem sabe respirar o ar de meus escritos sabe que é um ar da altitude, um ar *forte*” (EH, *Prólogo* 3, grifo do autor). Por isso é preciso um preparo, perspicácia para adentrar na essência de suas obras e compreender de que água ele bebe – o que Oliveira fez com maestria e clareza ao tratar o tema da solidão como uma virtude, algo que em nossa sociedade não se encontra nos mesmos parâmetros.

O livro está estruturado em três capítulos que tratam da temática da solidão como uma virtude a partir do pensamento de Nietzsche. A leitura atenta e lenta de cada capítulo da obra leva-nos a compreender a análoga forma de apresentar o que é socialmente aceito e valorizado e o que realmente é um valor que leva o homem à altura, à liberdade e, por

isso, à necessidade da solidão para se purificar de conceitos errôneos que distanciam o homem de sua própria natureza. Podemos extrair essas ideias já da introdução do livro, em que o autor apresenta as interpretações engendradas pelo filósofo alemão, o qual percebe a história do Ocidente como mergulhada numa experiência niilista, cuja exigência última seria a criação de novas bases para a moral, entendida como o caminho para a afirmação do homem. É em meio a essa problemática que se insere o tema da solidão como uma crítica ao processo de rebaixamento do homem ocidental e caminho para a elevação do humano a novos patamares morais.

O autor, ao tratar do tema da solidão, optou por limitar um eixo cronológico para a sua análise: foram utilizados os textos de Nietzsche elaborados a partir da publicação de *Assim falou Zaratustra*. Ainda que o tema seja transversal na obra nietzschiana, ele obtém bastante relevo nesses textos tardios.

No primeiro capítulo do livro, intitulado “A solidão como desengajamento moral”, o autor explicita a diferença entre a solidão que acentua a distância física das outras pessoas e aquela que ele chama de “desengajamento moral”. Nessa visão, percebe-se uma rara capacidade de aprofundamento em si mesmo, para perceber os males da vida gregária que não dá espaço para a singularidade, mas massifica o humano, anulando-o e privando-o daquilo que faz parte de sua própria natureza. As relações sociais produzem uma “contaminação”, por não darem oportunidade para cada indivíduo experimentar a si mesmo, reproduzindo o que lhe é exigido à custa de coerções. Em meio às multidões gregárias, a moral toma o homem como um objeto que precisa ser melhorado, cuja emersão se deu a partir de um erro da razão que viu essa necessidade no humano. O resultado da negação da solidão é a exigência do adestramento. Adestrado, aquilo que o homem via como o seu *próprio* passou a ser tido como indigno, levando-o a enojar-se de si mesmo e mergulhar cada vez mais na moral para buscar um melhoramento – que não acontece e, com isso, somente prolonga-se a doença.

Por isso Oliveira, com o título desse capítulo, pretende mostrar o desengajamento, a libertação do humano das garras dessa moral que leva à massificação do rebanho. A solidão é a chave para a afirmação de si. Ela rompe com a idealização provocada pela moral para dar espaço aos impulsos vitais e fazer o humano retomar em si o *pensar*, o *sentir* e o *querer*, que a moral havia apagado em nome da implantação de um processo de

negação do “eu”. Segundo o autor, Nietzsche não usa a solidão como refúgio daqueles que não suportam viver em meio à multidão ou que pretendem fugir do mundo. A solidão de Nietzsche é o aproximar-se de si mesmo, desengajando-se dos outros, de seus conceitos e coerções. Na solidão se encontra o deserto, e neste, força para habitá-lo.

O segundo capítulo traz como título “A solidão como crítica à moral do rebanho”. A partir de uma leitura da história moral do Ocidente, Nietzsche percebe que a moral prevaleceu a partir da ascensão da racionalidade, da metafísica e da religião, e com isso ditou as regras da cultura, definindo bem e mal como lhe convinha. Oliveira explicita que, segundo Nietzsche, a moral gregária é um produto da vitória da forma de vida doente e degenerada. Os valores estão invertidos, o fraco, escravo e homem de rebanho sobrepõem-se à vida, aos fortes e aos homens do futuro. Os valores afirmados pelos homens de rebanho exigem do indivíduo sempre sacrifícios em favor do próximo, de renúncia de si, um permanecer domesticado e a manutenção deste sistema que suprime o humano levando-o à negação da vida. A própria filosofia tem se caracterizado como serviço gregário, legitimando conceitos e ficções que não passam de idiossincrasias dos filósofos, que, não reconhecendo o vir-a-ser, passaram a adorar o Ser. Para Oliveira, segundo a crítica nietzschiana, o fim deste caminho é a negação dos sentidos, pois a razão seria a única forma de alcançar o Ser. Os fracos justificam sua fraqueza e pequenez elevando-as a mérito, ao contrário do nobre, que tem consciência de sua grandeza e por isso venera a si mesmo.

Sobre esta inversão de valores, o autor analisa o fato de que, enquanto os fortes criam valores, os fracos os invertem a partir de sua fraqueza e de seu rancor. Isto pode ser melhor apresentado a partir da identificação que Nietzsche faz do início desse processo de inversão de valores, no qual percebe que a casta sacerdotal se equiparava à classe mais elevada, tratando o bom e ruim com peso espiritual, o que teria levado o humano a não querer ver-se como impuro e a afastar-se da vida, o que leva a uma impotência diante da vida. A moral do rebanho, assim, é a moral dos ressentidos contra a vida, que não partem de uma afirmação de si mesmos, mas de um olhar que provoca uma inversão de valores, de forma que a virtude passa ser aquilo que contribui para o adoecimento do homem, o que leva à manutenção da coletividade, a um ajuntamento de fraquezas. Esta noção de virtude está baseada na “utilidade pública” em detrimento do “particular”, e para

explicitar melhor esta ideia Oliveira cita Nietzsche: “devemos temer quem odeia a si próprio, pois seremos vítimas de sua cólera e de sua vingança. Cuidemos, então, de seduzi-lo para o amor a si mesmo” (M, 517).

O terceiro capítulo, intitulado “A solidão como virtude moral” carrega em si o nome da obra e é neste capítulo que conseguimos visualizar de uma forma ampla a ideia de solidão como virtude moral, pois as virtudes no mundo ocidental trouxeram consequências de decadência para o humano e a vida em geral. A partir disso, Oliveira percebe que se essas pretensas virtudes caracterizam a moral que Nietzsche chama de moral de rebanho, a solidão será vislumbrada como uma moral do futuro. Este caminho pretende partir da solidão para levar o humano a retomar o amor e veneração a si mesmo, estabelecendo novas formas de convivência social que não se baseiam na antiga moral gregária, da igualdade, mas na hierarquia e no combate. Assim, a solidão se torna uma virtude e passa a ser uma prática revigoradora, pois é nela que o homem nobre se torna capaz de vencer a doença a partir da saúde conquistada na afirmação de si mesmo.

O autor, por meio de uma metáfora nietzschiana, nos faz perceber que a partir da solidão o humano pode se repurificar de seu contato com o mundo, no qual e pelo qual tornou-se sujo e contagiado (é preciso se livrar dos valores adquiridos no convívio), e ao aprofundar-se em si mesmo ele inicia um processo de filtragem das doenças para emergir límpido em novas fontes, para atingir um ponto além do bem e do mal, ou seja, fora da moral. Dessa forma, a solidão revigora o homem não para a verdade – é preciso se desprender da verdade, da adoração do Ser –, mas essa força que o homem recebe o impulsiona à incerteza, ao enigma. Agora ele será capaz de questionar e desconfiar, sinônimo de plenitude de vida, o que a moral gregária impedia o homem de fazer, mantendo-o cativo e doente.

A moral do rebanho tem sua realização máxima em Deus, o motivo por alguns viverem tão domesticados e adoecidos, pois temem sofrer a coerção não só da sociedade que manipula a massa, mas de Deus, que sempre está observando, privando o humano de sua liberdade. Mas com a morte de Deus abre-se ao humano a oportunidade de reconquistar sua soberania, reconhecendo sua finitude, a si mesmo. Sem o conforto e proteção de Deus, o homem abandona seu cativeiro para caminhar para a sua autoafirmação. Segundo o autor, Nietzsche acredita que a morte de Deus é o primeiro passo para o homem conquistar a solidão como uma virtude moral. Sem o Deus onipresente, o humano pode se afirmar, pois já não se

deixa comandar senão por si mesmo, o que não consegue fazer o homem heterônimo que depende da fé na verdade e, fraco, só sabe obedecer.

Essa solidão, por mais que compreendida como um afastamento dos outros, tem em Nietzsche um sentido profundo e novo. A partir das reflexões do autor, ela não é do aborrecimento com o outro, mas uma necessidade de tornar-se forte na relação da alteridade, na qual se explicita a necessidade de ter amigos. Esta está pautada em seu caráter positivo no prazer do “diálogo a dois”. E “é nesta experiência íntima de solidões que se partilha a alegria” (MA I, 499).

Enfim, Jelson Oliveira nos apresenta em toda a obra um filósofo solitário, forte e que soube, a partir de sua solidão, não somente encontrar caminhos para “libertação” do humano da combalida moral gregária, mas apontar estes caminhos a fim de que no futuro apareçam outros homens que, livres, possam estabelecer novas leis numa sociedade nova em que o indivíduo tenha a oportunidade de se afirmar, e não ser uma peça de engrenagem de um sistema que leva ao adoecimento e fraqueza humana. A solidão em Nietzsche é a da alta montanha, dos homens superiores que venceram as barreiras estabelecidas pela moral do rebanho. Esses homens solitários são os que não vivem mais sob uma heteronomia, mas são autônomos e legisladores de suas próprias leis. Devemos reconhecer o filósofo solitário como criador de novos valores, que fazem da vontade de verdade uma vontade de poder.

Podemos dizer que a obra *A solidão como virtude moral em Nietzsche* apresenta uma forma inédita de ler o filósofo alemão, por lidar com um tema que mereceu pouca atenção dos intérpretes em geral. Grosso modo, as pessoas têm sempre a ideia de um Nietzsche destruidor, perigoso, mas não buscam compreender o sentido que está por trás de seus escritos. A presente obra traz em si uma correlação de citações das mais diversas obras do filósofo alemão, com uma segurança que nos faz perceber a autenticidade do pensamento de Nietzsche e sua importância para a nossa sociedade. Muito ao contrário do que pensa o senso comum, este filósofo apresentado por Oliveira é um homem do futuro, que lançou seus olhares na história do Ocidente e diagnosticou seu declínio humano à decadência da vida, e por isso sua reflexão aponta caminhos para um mundo novo, a partir de uma nova moral. Cabe aos leitores despídos de preconceitos adentrarem-se no pensamento nietzschiano e retirarem de lá caminhos para uma mente aberta ao conhecimento e à pluralidade. Esta é uma obra

tanto indicada para quem já conhece o pensamento de Nietzsche e deseja aprofundar-se em suas reflexões, quanto àqueles que almejam uma leitura acadêmica com um bom recurso didático e fidelidade às fontes.

Recebido: 12/10/2010

*Received:* 10/12/2010

Aprovado: 04/05/2011

*Approved:* 05/04/2011